

# 1 Introdução

O século XIII viu surgirem os primeiros textos escritos em português. Era a língua da primitiva poesia lírica peninsular (as *cantigas de amigo*, as *cantigas de amor* e as *cantigas de escárnio e de maldizer*), não se diferenciando do galego, falado na Galícia. Segundo Teyssier (2007), na evolução do português, alguns estudiosos classificam esse período como arcaico. Estendeu-se até o século XVI com Luís de Camões, quando então começou o período moderno. Contudo, só com a expansão ultramarina e o povoamento de novos territórios a partir do século XV, o português começou a ser transportado para ultramar e expandiu-se por outros territórios. Hoje, o português já é a quarta língua mais falada no mundo. De acordo com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), criada em 1996, o português, língua oficial de seus oito Estados-membros (Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, Timor-Leste e São Tomé e Príncipe), é falado por mais de 240 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo mais de 190 milhões só no Brasil. Somado a esse fato, o advento da globalização, um fenômeno que pode ser entendido como “a intensificação das relações sociais mundiais que conecta localidades distantes de modo tal que acontecimentos locais são influenciados por eventos ocorridos a milhas de distância e vice-versa” (Giddens, 1990: 64), contribuiu para tornar a Língua Portuguesa, especialmente a variedade brasileira, amplamente conhecida e de significativa importância no panorama global atual.

No cenário acadêmico internacional, podemos encontrar vários programas de ensino de língua portuguesa em universidades e centros de estudo de línguas. Na Itália, por exemplo, uma pesquisa realizada por Cecílio (2015) mostra que aproximadamente 25 universidades oferecem o ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE) em cursos de graduação e de pós-graduação ou em seus centros de línguas. Contudo, a política linguística do governo português, que, comparada à brasileira, garante o envio de um número muito maior de professores para ministrar aulas na Itália, através do Instituto Camões, favorece a difusão da variedade europeia no processo de formação de professores e no ensino de PLE.

Nos Estados Unidos, por sua vez, o ensino de PLE e de cultura brasileira cresceu significativamente em comparação com as línguas mais tradicionais. Segundo Bianconi (2015), pelo menos quatro universidades do estado de Massachusetts incluíram programas de ensino de PLE nos últimos cinco anos. Em 2014, a State University of New York at New Paltz (SUNY-NP), num projeto piloto com a PUC-Rio, iniciou a experiência de contar com um professor da PUC-Rio para ensinar o português brasileiro a distância, por meio de videoconferência, em tempo real. Os resultados dessa iniciativa, segundo Meyer (2015), estarão disponíveis em breve e serão apresentados à comunidade acadêmica.

Da mesma forma, o panorama do ensino de português na China vem apresentando um crescimento bastante expressivo. De acordo com o site da Embaixada da República Popular da China no Brasil, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Beijing (FSU), ao longo das últimas cinco décadas, formou mais de 400 profissionais para as áreas de diplomacia, comércio internacional, educação e comunicação social por meio do Departamento de Português, tendo contribuído enormemente para a cooperação e os intercâmbios entre a China e os países lusófonos. Atualmente, além da FSU, há na China mais de vinte institutos de educação superior ensinando português. A Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai, a Universidade de Comunicação da China e a Universidade de Pequim, por exemplo, têm também alunos de intercâmbio espalhados na parte continental chinesa, em Macau, no Brasil e em Portugal (<http://br.china-embassy.org/por/szxw/t852894.htm>).

No Brasil, só na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), o número de aprendizes de português cresceu, segundo Meyer (2015), mais de 5.800% entre 1998 e 2013. Dados do segundo semestre de 2014 mostraram que os estudantes intercambistas, somados aos alunos internacionais regulares (a maioria dos cursos tecnológicos de pós-graduação) e aos alunos de extensão universitária, eram responsáveis por uma média de 25 turmas de Português para Estrangeiros por semestre.

Apesar do crescente interesse por nossa língua, a ênfase nos aspectos formais da linguagem e a abstração sociocultural são ainda uma realidade nos materiais didáticos hoje no mercado, tornando um desafio a tarefa de desenvolver a competência comunicativa dos alunos de PLE, ou de PL2E (Português como Segunda Língua para Estrangeiros), nomenclatura sugerida por Meyer (2004).

Consideramos competência comunicativa uma integração de diferentes competências (linguística, sociolinguística, discursiva, pragmática, intercultural): para que haja êxito durante uma interação, além de uma desejável correção gramatical, os falantes devem conhecer as normas que regem aquela sociedade, seus valores culturais e os papéis sociais dos participantes, sendo ainda capazes de perceber o que se esconde por trás do significado literal de palavras numa sentença. Assim, podem tomar as atitudes apropriadas para que não sejam mal interpretados. Segundo Thomas (1983, apud Paltridge, 2006), a carência de uma ou outra competência pode resultar numa situação de aparente indelicadeza. Desse modo, justifica-se a necessidade de uma mudança de postura em relação ao ensino de PLE/PL2E, para a qual o presente estudo pretende contribuir a partir da análise do ato de fala *pedido* em ambiente acadêmico. Nossa proposta focalizará fundamentalmente a *polidez* em e-mails enviados por estudantes de graduação e pós-graduação para seus professores.

A questão da *polidez* e a noção de *face*, a propósito, vêm sendo amplamente pesquisadas no mundo acadêmico pela importância de suas implicações para o ensino de línguas. Elemento crucial para a interação social, a polidez representa uma forma de reparar os constrangimentos que elogios, críticas, agradecimentos, desculpas, promessas, pedidos, oferecimentos e refutações, dentre outros atos ameaçadores de face, podem causar. Como proferir uma sentença implica um ato, um comportamento (Austin 1962; Searle 1969), conhecer a forma de tratamento apropriada para determinado contexto, por exemplo, é tão importante quanto saber que, no contexto brasileiro, “*Te ligo!*” não é uma promessa e, muito provavelmente, não vai acontecer, e que “*Não precisava...*” é uma forma de agradecimento que não significa literalmente que o presente não era necessário. Ter consciência de que em culturas diferentes as coisas acontecem de forma diferente permite que os interlocutores se comportem polidamente. Dessa forma, estudos sobre atos de fala revelam-se essenciais para o melhoramento da qualidade de ensino de uma língua estrangeira e, conseqüentemente, o progresso da capacidade de comunicação dos aprendizes.

Ao pesquisar como diferentes atos de fala são abordados em alguns materiais utilizados no Brasil para o ensino de PL2E, é possível observar uma repetida simplificação dos atos de negar, opinar, agradecer, desculpar-se, pedir, etc., resumindo os assuntos a ensino de vocabulário – “*Não.*”; “*Eu acho...*”;

“Obrigado(a).”; “Desculpe-me.”; “Você poderia...?” – e inserindo-os em diálogos cujo foco é a gramática. Quando se trata de materiais didáticos de PLE produzidos em outros países, além da preocupação excessiva com a variedade padrão da língua, é possível encontrarmos enunciados construídos de acordo com as regras observadas em suas próprias línguas.

O cenário acima exposto despertou nosso interesse inicial pelos estudos dos atos de fala, mas nossa motivação em pesquisar especificamente o ato de fala *pedido* cresceu a partir da observação de e-mails enviados por estudantes de diferentes nacionalidades à pesquisadora desta pesquisa. Em alguns deles, percebia-se uma formalidade ou uma informalidade excessiva, construções de pedidos com padrão de diretividade incomum e aberturas e fechamentos que seguiam os protocolos de suas línguas. Assim, entendemos que o ato de fala *pedido* ofereceria um campo bastante produtivo para o estudo da polidez brasileira em ambiente acadêmico e de sua relação com aspectos de nossa *cultura subjetiva*<sup>1</sup>. Pesquisas nessa área podem contribuir para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que visem atender às demandas cada vez mais crescentes de pessoas interessadas em aprender nosso idioma, especialmente de estudantes intercambistas, que escrevem e-mails para professores com grande frequência.

## 1.1 Justificativa e relevância

Devido às particularidades anteriormente mencionadas, entendemos que elaborar um pedido pode não ser uma tarefa simples. Assim sendo, como viabilizar que um aprendiz estrangeiro seja capaz de fazê-lo adequadamente, consciente das diferenças linguísticas e dos padrões interacionais entre sua cultura e a cultura brasileira? Quais estratégias permitem minimizar o impacto que certos

---

<sup>1</sup> Segundo Bennett (1998), a *cultura subjetiva* refere-se a um conjunto de crenças, hábitos e valores culturais que estabelece os diferentes modos de interação de uma determinada sociedade, diferentemente da *cultura objetiva*, que consiste em manifestações visíveis de uma determinada sociedade, incluindo os sistemas social, econômico, político e linguístico, informação valiosa, mas de uso limitado no que se refere à interação face a face, pois não desenvolve competência intercultural.

pedidos podem causar na cultura brasileira? Uma atitude polida requer necessariamente maior grau de indiretividade?

Na construção de pedidos, existe um número considerável de fatores que influenciam a percepção da polidez. Devem-se levar em conta questões de poder, de distância social e o grau de imposição de determinado ato na cultura em que o estudante está inserido, pois são esses os parâmetros que orientam o discurso, e não elementos puramente linguísticos. De fato, um grande desafio da comunicação intercultural<sup>2</sup> é fornecer meios ao falante para que ele perceba o contexto em que está inserido e o nível de informação apropriado a cada situação (Hall, 1998: 9). Portanto, é fundamental encontrarmos meios para trabalhar as diferentes percepções que estudantes de outras culturas podem ter dessas variáveis sociais.

## 1.2 Objetivos

Fazer um pedido é um ato que faz parte do cotidiano das pessoas. Entretanto, questões sobre como, quando e para quem fazê-lo podem torná-lo um problema para o locutor: por ser ele mesmo o beneficiário, situações que envolvem pedidos podem ser constrangedoras, uma vez que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor. Se, para um falante nativo do português brasileiro, situações que envolvem pedidos podem ser desconcertantes, como se comportariam aprendizes estrangeiros ao realizarem esse ato fora da “zona de conforto” que é sua própria língua? Tentariam reproduzir na língua-alvo as estratégias linguísticas utilizadas na elaboração de pedidos em sua língua materna? Basear-se-iam nos padrões interacionais de suas culturas?

Tendo em vista o que expusemos até aqui, nosso objetivo geral é investigar e-mails enviados por estudantes brasileiros de graduação e pós-graduação a seus professores e classificar os pedidos neles contidos com base na

---

<sup>2</sup> Estudo sobre como as pessoas se entendem e se comunicam quando não compartilham da mesma experiência cultural, buscando relevar meios para que a interação se estabeleça baseada em respeito mais que em tolerância (Bennett, 1998).

categorização de pedidos de Trosborg (1995). A partir dessa proposta, formulamos os seguintes objetivos específicos:

- (1) identificar as estratégias linguísticas e discursivas predominantes utilizadas na elaboração do ato de pedir em português em cada categoria;
- (2) verificar quais elementos dessas estratégias, externos e internos aos pedidos, podem funcionar como elementos mitigadores ou agravadores;
- (3) verificar como os diferentes tipos de pedido (segundo o grau de imposição) se relacionam com o grau de diretividade empregado e com o uso de modificadores externos e internos para contrabalançar a ameaça à face envolvida no ato de pedir;
- (4) proceder a uma análise qualitativa e interpretativa dos dados coletados para esta pesquisa e verificar as razões que influenciam os estudantes em suas escolhas, enfatizando aspectos culturais;
- (5) apresentar uma proposta pedagógica com aplicabilidade em PL2E e fornecer subsídios ao professor para elaboração de aulas que visem o desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes.

É importante ressaltarmos aqui que não pretendemos apresentar regras sobre como escrever e-mails “perfeitos”, de uma maneira prescritiva, nem fornecer uma lista de expressões que possam ser utilizadas para fazer pedidos por meio de e-mails. Nossa intenção é auxiliar profissionais de ensino de português para estrangeiros a desenvolver atividades que facilitem o processo de aprendizagem da língua e, conseqüentemente, contribuir para que os estudantes estrangeiros alcancem seus propósitos comunicativos. Na área de PLE/PL2E, precisamos descrever um português mais socialmente abrangente, de forma que os aprendizes possam utilizá-lo na maioria das situações. Para tal, buscamos apoio em pesquisas que, como esta, enfocam a língua em uso.

Para conduzir esta pesquisa, estabelecemos algumas hipóteses:

- (1) a relação aluno/professor, em ambiente acadêmico, é de relativa proximidade e informalidade;

- (2) em ambiente acadêmico, os alunos dão preferência à indiretividade na elaboração de pedidos aos professores;
- (3) quanto mais complicado é para o professor atender ao pedido do aluno, maior é o número de estratégias de mitigação utilizadas.

Quanto à organização deste trabalho, há uma divisão em cinco capítulos. O capítulo 1 corresponde a esta introdução, em que apresentamos as linhas gerais da pesquisa que empreendemos para a elaboração desta tese.

No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos que orientam nossa investigação, com uma abordagem interdisciplinar. Iniciamos o capítulo com uma exposição de conceitos referentes à *Teoria dos Atos de Fala* e ao ato *pedido*. Em seguida, apresentamos os conceitos de *polidez* e *face* e como estes se relacionam com o ato de pedir. Na sequência, traçamos um panorama de conceitos do Interculturalismo, área de estudo que investiga aspectos da comunicação intercultural em diferentes contextos e a influência cultural nesse processo. Ainda na abordagem interculturalista, apresentamos um modelo de categorização de culturas e os valores que inserem o Brasil em um desses grupos. Em seguida, sendo o e-mail a forma de interação estudada, discorreremos também sobre a noção de *gênero*. Finalizada essa seção, apresentamos os resultados de algumas pesquisas sobre a elaboração de pedidos em e-mails em diferentes culturas. Tais resultados nos forneceram subsídios consideráveis para a realização de nossa pesquisa. Para encerrar o capítulo, uma vez que a análise preliminar dos dados revelou não ser possível a categorização de todos os pedidos identificados conforme a proposta em que nos baseamos inicialmente (Trosborg, 1995), apresentamos uma nova proposta de categorização do ato de pedir.

No capítulo 3, detalhamos a metodologia empregada na elaboração e no desenvolvimento desta pesquisa, fornecendo informações sobre coleta de dados, perfil dos informantes envolvidos, organização do *corpus* e procedimentos de análise de dados. Por fim, discorreremos brevemente sobre as limitações metodológicas da pesquisa.

No capítulo 4, apresentamos a análise dos dados da investigação realizada. Inicialmente, descrevemos as estratégias utilizadas pelos estudantes brasileiros na elaboração dos pedidos enviados a seus professores, com base na fundamentação teórica selecionada: além do levantamento da frequência de cada estratégia,

empreendemos uma análise qualitativa e interpretativa dos dados. Em seguida, são apresentadas e discutidas as formas de mitigação ou de agravamento desses pedidos. A partir daí, fazemos considerações sobre as relações entre grau de diretividade, tipo de pedido (segundo grau de imposição), modificadores do ato, aspectos culturais e polidez. Encerramos o capítulo apresentando uma síntese do capítulo e uma proposta pedagógica com aplicabilidade em PL2E.

Por fim, no capítulo 5, apresentamos as considerações finais. Verificamos se nossas hipóteses foram confirmadas e buscamos esclarecer questões que orientaram a pesquisa, procurando contribuir, a partir de um enfoque em língua escrita, para novas discussões e futuras pesquisas sobre o ato de pedir e a polidez.